



EXERCÍCIOS INDISCIPLINARES DE DANÇA: PRESENÇA E FORMAÇÃO COMPARTILHADA EM SAÚDE

UNDISCIPLINED DANCE EXERCISES: PRESENCE AND SHARED TRAINING IN HEALTH

Marina Souza Lobo Guzzo¹ Daniele Guedes Fonseca² Iara Barreira Marqui³

RESUMO

Este artigo pretende apontar caminhos para os estudos de presença numa formação em saúde, a partir de exercícios de dança contemporânea desenvolvidos em um projeto de Extensão da Universidade Federal de São Paulo, no Instituto Saúde e Sociedade, campus Baixada Santista. A pesquisa foi realizada durante um ano, nos encontros com participantes entre 19 e 25 anos em formação nas áreas de saúde, que contaram com experiências práticas corporais e de conversas sobre as experimentações registradas em diários de campo pelos pesquisadores. Argumentos teóricos se misturam às falas de alunos participantes do projeto, a partir do método cartográfico, num texto que pretende compartilhar a experiência de uma formação interdisciplinar ou indisciplinar, em que a arte contemporânea e os estudos da presença foram focos de um processo de criação artística na área cênica. Como resultados e discussões, entendemos que presença em saúde é importante de ser vivenciada de maneira encarnada, com pele, toque, dança e movimento. Propomos uma formação corporal compartilhada, sensível e criativa, que cultiva a visão interdisciplinar como forma de ampliação do conceito saúde para uma atuação inventiva dentro das áreas acadêmicas de formação de profissionais.

Palavras-chave: Presença. Saúde. Dança contemporânea. Formação compartilhada.

“O mais profundo é a pele” (Paul Valéry)

¹Marina Souza Lobo Guzzo - Pós-doutora pelo Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista, Departamento de Saúde, Clínica e Instituições. E-mail: marinaguzzo2@gmail.com; ²Daniele Guedes Fonseca - Graduanda em Bacharel em Psicologia na Universidade Federal de São Paulo. E-mail: dani.guedes.fonseca@gmail.com; ³Iara Marqui - Graduanda em Educação Física na Universidade Federal de São Paulo. E-mail: iaramarqui@gmail.com.

ABSTRACT

This article intends to point out ways for the studies of presence in a health formation, from contemporary dance exercises developed in a project of Extension of the Federal University of São Paulo, in the Institute Health and Society, campus of Santos. Theoretical arguments are mixed with the lines of students participating in the project, in a text that intends to share the experience of an interdisciplinary or undisciplined formation, in which contemporary art and the study of presence were the focus of a process of artistic creation in the scenic area. The research, carried out with participants between 19 and 25 years in training in the health areas, was based on practical experiences and conversations about the experiences recorded in field journals after the meetings. The presence in health is discussed and experienced in an incarnated way, with skin, touch, dance and movement. We propose a shared, sensitive and creative body formation that cultivates the interdisciplinary vision as a way of expanding the concept of health for an inventive performance within the academic areas of formation in this area.

Keywords: Presence. Health. Contemporary dance. Shared formation.

PISTAS INDISCIPLINARES

Este artigo pretende apontar caminhos para os estudos de presença numa formação em saúde, a partir de exercícios de dança contemporânea desenvolvidos em um projeto de Extensão da Universidade Federal de São Paulo, no Instituto Saúde e Sociedade, campus Baixada Santista. Argumentos teóricos se misturam às falas de alunos participantes do projeto, num texto que pretende compartilhar experiência de uma formação interdisciplinar ou indisciplinar, em que a arte contemporânea e os estudos da presença foram focos de um processo de criação artística na área cênica. A pesquisa adotou o método da cartografia como proposto por Barros e Kastrup, como forma de acompanhar processos: “nesta medida, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante. O pesquisador mantém-se no campo em contato direto com as pessoas e seu território existencial” (2015, p. 56). Como pesquisadoras-participantes nesse processo, conversamos com os participantes entre 19 e 25 anos, a maioria estudantes em formação nas áreas de saúde sobre as próprias práticas corporais que juntos experimentamos durante um ano de trabalho semanal.

Desde 2011, o Projeto Artes do Corpo promove encontros e debates de práticas corporais no Laboratório Corpo e Arte⁴ aberto à comunidade acadêmica. Em disso, realiza campos para trocas, pesquisa e ensino na área das artes do Corpo, como o Festival Cartograma, que se desenvolveu a partir de evento com

⁴ Mais informações em: <http://corpoeartelab.com/>

apresentações, oficinas e debates. Outra ação consistente deste projeto é a promoção de residências artísticas, que semestralmente recebem um artista da cidade de Santos para compartilhar práticas de investigação, tecendo diálogos com as pesquisas e propostas da Universidade, com mostra de trabalho em espaços de abertura e troca. Nesse percurso, cabe ressaltar que o trabalho instaurou-se como uma proposta renovadora e ousada que se configura pela premissa dos vínculos de um grupo que, além de experimentar, deseja pesquisar em dança. Diante disso, pode-se inferir que o Projeto desfruta da atuação através da linguagem artística corporal expressa nos processos subjetivos dos participantes por meio de experiência e sensibilização. Transversalmente aos encontros entre corpos, subjetividades e técnicas de composições artísticas, pode-se pensar nas redes de movimento, expressão e cuidado em situação de engendramento e de tessituras, que interferem na formação pessoal e profissional dos participantes.

O termo (in)disciplinar aparece para desestabilizar a ideia da interdisciplinaridade presente nesse contexto e no projeto político pedagógico do campus em questão. É inspirado no livro de Christine Greiner (2005) que, por sua vez, traz o conceito da obra de Muniz Sodré, *Antropológica do espelho* (2002 apud Greiner, 2005), referindo-se aos campos de saber que são da ordem da radicalidade do “trans”disciplinar, que desestabiliza seu objeto de pesquisa para poder pensá-lo.

A presença ou os estudos de presença aparecem a partir da dança contemporânea, entendida como um campo de investigação, pesquisa e reflexão sobre o corpo, além de a dança ser uma arte ancestral que usa movimento para expressar e criar histórias, imagens, rituais, discursos, desejos e outras questões importantes para o ser humano. Para Katz (2011), a dança é uma espécie de pensamento do corpo, que comunica ideias e sistemas pela evolução do movimento. A partir disso, estabelecemos as seguintes perguntas para nortear os trabalhos: Como a presença e a dança podem nos ajudar a pensar uma formação compartilhada em saúde? Como podemos pensar juntos com o corpo dançante/brincante? Como exercícios de dança contemporânea podem ajudar a pensar uma formação que exige presença e entrega? Existe mudança ou transformação a partir dessa experiência?

Trazer o corpo (in)disciplinar do cuidador para a discussão da formação em saúde é um tema de extrema importância no debate interdisciplinar. Uma urgência de problematização se manifesta com extrema sensibilidade em suas variações discursivas e conceituais, nas quais o corpo se transforma na razão dos discursos em torno dele ou de qualquer tema em Saúde. O corpo nos exige um olhar múltiplo, um sentido diverso e uma interação de saberes. Construir e reconstruir suas materialidades por meio de intervenções tecno-científicas, exibi-lo

ininterruptamente e tomá-lo como assunto central converteu-se numa condição da sua própria existência (SANT'ANNA, 2001). O corpo atravessa os enunciados e é atravessado por eles; vive em contínua transformação pelos discursos construídos sobre ele, uma diversidade de certezas que parece mudar todos os dias, que tem a preocupação central de construir um corpo ideal, virtual, moderno e, acima de tudo, um corpo saudável. Esse tem sido o foco da busca da formação em saúde, que traz como ideal um corpo distante e objetificado.

Mas é também no corpo e em sua materialidade que podemos resgatar ou ativar um território de preservação do humano, pois mesmo com os pedaços desvendados nas aulas de anatomia, o profissional da saúde nem sempre conhece o seu próprio corpo. Um exemplo básico é pedir num exercício de aquecimento para que sentem sobre seus ísquios. Os alunos geralmente olham com cara de dúvida e se perguntam: onde ficam meus ísquios? Engraçado pensar que a maioria deles fez intensivamente o módulo de anatomia. O corpo presente surge nessas novas incertezas, impotências e riscos. Afinal, ele não vem com manual para estudo, mas é conhecido na experiência, do toque e do movimento. Não existimos senão por meio das formas corporais pelas quais somos no mundo.

Por conta disso, acreditamos que é importante que o profissional da área da Saúde esteja atento à sua manifestação corporal e sensível na contemporaneidade, entendendo sua história e suas maneiras de contribuição para fruição e apreciação da dança como linguagem artística e como experiência estética. Proporcionar isso na formação é um caminho possível de aproximação de si e do outro, compartilhando uma experiência do que nos é comum.

Jaques Rancière (2005) entende a arte como promessa de espaço comum porque ela é algo inútil, frágil e não produtivo que pertence a um tempo-espaço próprio “[...] e porque define uma experiência sensível desconectada das condições normais da experiência sensível e das hierarquias que a estruturam” (RANCIÈRE, 2005, n.p.). A arte, neste sentido, promete algo que inverte a razão comum, não sendo concebida como obra de arte, mas como manifestação coletiva, na qual não existe como categoria separada da vida. A não separação da arte e da vida é algo que nos interessa pensar como potência para pensar/criar o corpo.

A análise estética e política da obra de arte e de sua relação com a vida é o que Rancière (2005) denomina de “partilha do sensível”. Esta concepção entende que um sistema de evidências sensíveis revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Isto é, compartilhamos um comum e temos nisso partes exclusivas: estas divisões separam-se ainda em divisões de tempos, espaços e tipos de atividades sensíveis, como a trama de um tecido.

A partilha do sensível faz com que recortes de tempos e espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído definam simultaneamente o lugar e o

que está em jogo na política como forma de experiência. Essa experiência é uma organização das formas, uma organização estética. Rancière (2005, n. p.) afirma que é no campo estético que se trava uma batalha, antes centrada nas promessas de emancipação da história. Para o autor, estética é “[...]um regime específico de identificação e de pensamento das artes, uma forma de articular as maneiras de fazer, as formas de visibilidade dessas maneiras de fazer e modos de pensar essas relações”. A arte e a política têm em comum posições e movimentos de corpos, funções das palavras; repartições do visível e do invisível. As práticas artísticas são maneiras de fazer que agem nas maneiras de ser e nas formas de visibilidade do ser/fazer (RANCIÈRE, 2005).

A partir desse ponto de vista, arte e estética estariam inseridas na vida, sem diferenciação de outras experiências de solidão, de reflexão e de criação, podendo contribuir, testemunhar ou dialogar com a construção da realidade. Há uma promessa na experiência estética de que as particularidades e as experiências individuais sejam coletivas e gerem de alguma forma, uma experimentação de igualdade e de liberdade.

A experiência estética deve realizar sua promessa suprimindo sua particularidade, construindo as formas de uma vida comum indiferenciada, onde arte e política, trabalho e lazer, vida pública e existência privada se confundam. Ela define, portanto uma metapolítica, isto é, o projeto de realizar realmente aquilo que a política realiza apenas aparentemente: transformar as formas da vida concreta, enquanto a políticas e limita a mudar as leis e as formas estatais. (RANCIÈRE, 2005, n. p.).

Para Bondía (2002), experiência é algo que nos passa, que nos acontece, nos toca. Nunca se passou tanta coisa como nos dias de hoje, entretanto, as experiências são cada vez mais raras. O excesso de informação, a velocidade, as opiniões sobre tudo, a falta de tempo e os exageros no trabalho. O autor sugere que a experiência seja realmente vivida, pois ela é irrepitível, é singular e sempre como se fosse pela primeira vez. A experiência tem uma incerteza que gera uma sensação de não controle. E é disso que se trata esta pesquisa: deslocar a experiência do corpo teórico, com foco na doença e suas mazelas, para outro corpo sensível poético e lúdico. Mas também para além de pensar sobre ele como um objeto e de conseguir relacionar teoricamente o que se faz e se estuda na área da Saúde.

UM CONCEITO DE SAÚDE

Ao analisar o conceito de saúde reproduzido pelos profissionais da área atualmente, vemos que há uma lacuna cada vez maior entre perceber o outro com quem se relaciona de forma sensível e uma percepção preenchida por aulas de anatomia, mesas, estetoscópios, receituários e remédios.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), saúde se define como completo bem-estar físico, mental e social e não necessariamente como ausência de doença ou enfermidade. Scliar, por meio de uma análise histórica do conceito de saúde, diz que ela “reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural” (2009, p. 30), além de não representar a mesma coisa para todas as pessoas e em épocas diferentes, podendo depender de valores individuais, de religião, entre outros. A ideia de doença foi se modificando e passou de algo que se observava no comportamento da pessoa (como a drapetomania fuga, fuga de escravos considerada uma enfermidade mental) para algo comprovado em microscópio, ou seja, cientificamente, como é a época em que vivemos. Dejours (1986) critica a definição dada pela OMS por ela tornar a saúde um fim, um objetivo a ser alcançado e mantido, sendo que, para o autor, a saúde nada mais é do que um estado que não pode ser dito por algo externo ao indivíduo e que passa longe da estabilidade, uma vez que se o próprio organismo está em constante movimentação, não teria porque ser diferente com qualquer situação que este passe. Afirma também que saúde é ter a permissão de desejos que movam e libertem as pessoas, diferentemente de definir e limitar as ações de um indivíduo. A partir disso, é importante dar atenção a qual tipo de saúde se procura promover e aumentar o seu alcance por meio da formação de novos profissionais de saúde atual.

Se a pessoa tem o corpo machucado, mas não consegue viver sem aquilo, ela continua... Acho que a concepção de saúde só a própria pessoa fala dela. Se eu tô machucada, mas eu tô afim, eu continuo porque eu me sinto dançando ou praticando outra atividade física (Retirado do acervo de depoimentos da pesquisa).

A Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, compõe-se dos cursos de Educação Física, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Terapia Ocupacional e Serviço Social, que tem a finalidade de uma atuação interdisciplinar em Saúde. A interdisciplinaridade se caracteriza pela atuação de diversos profissionais em determinado caso/paciente com o mesmo objetivo, porém, cada um utilizando as ferramentas que dizem respeito à sua formação específica. Essa formação é o que nos interessa, sem sair do âmbito interdisciplinar, mas observando até que ponto as disciplinas responsáveis pela integração entre os cursos são realizadas pelos alunos em busca de experiências que possam sensibilizar o corpo destes graduandos, a fim de que construam com os futuros clientes/pacientes uma percepção diferente, que não seja mecanicista e fria, de mera aplicação de saberes e de protocolos.

Dentro da UNIFESP acontece o Projeto de Extensão –Artes do Corpo, no qual são proporcionadas atividades corporais que se utilizam de técnicas de dança contemporânea, teatro, música, arte circense e improviso como experiências

para que os participantes possam estar presentes em uma formação compartilhada de maneira diferente da usual. Em diversas conversas de corredor pela universidade percebeu-se que poucas pessoas não ouviram falar do projeto em questão e que muitas das falas são acompanhadas de curiosidade e admiração, encanto e vontade de participar, mas por vergonha, falta de tempo ou distância essas pessoas dizem que não podem ir, “mas quem sabe um dia”. Somados o excesso de informação recebida, que acarreta a falta de tempo, à dificuldade apresentada em perceber a si mesmo ao se relacionar com o outro e o resultado é uma quantidade pequena de participantes. Essa quantidade não remete, de forma alguma, às perdas ou ganhos na qualidade das atividades propostas, apenas mostra que a porcentagem de pessoas que se desafiam e permanecem participativas pode estar refletindo a realidade vivida pela maioria da população brasileira atualmente.

A pesquisa aconteceu durante o projeto, recrutando voluntários justamente por serem alunos ou funcionários da UNIFESP, de modo que foi possível vincular a graduação dos cursos da modalidade saúde ao olhar que se poderia ter para a sensibilização da percepção individual ao se relacionar com os demais, mesmo que utilizando as ferramentas aprendidas em cada curso de graduação das áreas da saúde.

Bondía (2002, p. 23) afirma que “cada vez temos menos tempo”. Passamos muito tempo em escolas, cursos, capturando informações, porém, quanto mais informação se tem, menor a memória em relação a elas, uma vez que “cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio” (2002, p. 23). Relacionamos este pensamento à baixa assiduidade dos participantes da pesquisa que, de certa forma, pode ser entendida como resultante do excesso de compromissos assumidos, que leva a maioria dos alunos da universidade a deixar de lado as práticas corporais, que possibilitam o olhar para si ao se relacionar com os demais e experiências de cunho artístico. Nos depoimentos de alguns participantes percebe-se que as obrigações acadêmicas (provas, trabalhos, palestras com certificação de horas) pesam mais do que a participação nas práticas oferecidas pelo Projeto Artes do Corpo, bem como de aulas de dança, teatro e circo ofertadas fora da universidade que também são deixadas de lado pela falta de tempo.

Por que não emite um certificado? Não para obrigar as pessoas a ir [sic], é apenas um reforço, é uma oficialização de algo que aconteceu, mas aí teria que controlar as presenças. (Retirado do acervo dos depoimentos da pesquisa)

Estamos cada vez mais operando uma lógica de produção de conhecimentos que são considerados importantes apenas quando podem ser mensurados ou

certificados por horas, sendo esta a finalidade primeira das participações em oficinas diversas. Por mais que o tema seja interessante, a escolha é feita por aquilo que trará alguma vantagem pessoal. Perguntamos então: Por que escolhemos ser reconhecidos pela quantidade de certificados e não pelas experiências que nos transformam como seres humanos? E a solução não se resume à não emissão de certificados, porque eles também têm sua importância, trata-se de escolher estar presente nas experiências e de levar consigo mais do que um papel constando a quantidade de horas dedicada ao evento. Porém, levar a essência do que se vivencia é algo que exige presença do participante, algo que não se ensina, que não consta da grade curricular porque demanda tempo. Tempo para perceber o próprio corpo enquanto se relaciona com outros corpos e com o mundo. Estamos reféns da ausência de nós mesmos enquanto buscamos ocupar o tempo com a cautela de se nos tornarmos alguém importante, com um conhecimento muitas vezes superficial sobre uma multidão de assuntos dados.

EXERCÍCIOS DE PRESENÇA

A proposta de usar exercícios de dança como caminho para estudar a presença, vem da ideia de dança contemporânea como um campo de técnicas e saberes sobre o corpo, que pressupõe a apropriação política do corpo de quem dança (GINOT; MICHEL, 2002). Dança entendida como pensamento e não como reprodução de passos, mas como uma atitude situada a partir de seu próprio ponto de vista da realidade, com um engajamento crítico nas maneiras de fazer, buscando movimentos, formas e ações performáticas que alterem e reflitam as maneiras de compor o mundo. Utilizamos um conjunto de exercícios com referenciais diversos que misturam técnicas de educação somática, jogos cênicos e jogos de ocupação de espaço. Alguns deles oriundos também do teatro, foram adaptados para construção de coreografias coletivas ou individuais. A improvisação e o jogo foram sempre norteadores dos exercícios, exigindo a presença, foco e negociações constantes. Os encontros eram sempre iniciados com uma massagem, com o toque sendo uma maneira de “chegar” a um espaço “outro” de trabalho sobre/com o corpo, a principal referência para esses exercícios é Ashley Montagu (1988) e o entendimento de que o toque e a pele aprendem e apreendem a realidade. Após “aquecer” a pele, continuamos com o aquecimento do olhar: com exercícios de troca de olhares em duplas, ou exercícios em grupo de escolha de olhar, também a partir de brincadeiras populares como o cavalo marinho, o jongo, a ciranda, o coco. Danças em roda que exigem o olhar para a aproximação, para o jogo, para a brincadeira coletiva.

Após esse primeiro momento de aquecimento, a continuidade dos encontros eram feitas com exercícios de improvisação em dança. As referências para esse exercício vinham de fontes diversas, de diferentes tempos, como Jaques Le-

coq (2010), Rudolf Laban (1978), Klauss Vianna (2005) e Dalcroze (ROPA, 2014), misturadas com figuras contemporâneas, como Pina Bausch (Tanz Theater Wuppertal), Marcelo Evelin (Demolition Incorporada), Alejandro Ahmed (Cena 11) e Christiane Paoli Quito (Cia. Nova Dança 4).

Um exemplo dessa mistura: os participantes ocupam o espaço de maneira equilibrada, sem ficarem muito próximos nem deixarem grandes espaços vazios - o que chamamos de equilibrar o platô. Cada um inicia no local que escolheu, partindo de um momento de repouso (antes de começar de fato) em que se deve atentar em como o corpo está ocupando o espaço neste momento. A escolha de estar simplesmente parado de pé é notada, diferentemente do que acontece quando alguém está nesta posição sem saber como realmente gostaria de estar ou por não estar presente, para além da presença física, mas com foco na atenção do que lhe acontece no exercício. Quando iniciado, as pessoas que sentirem vontade devem se deslocar até a outra - sem esquecer da ocupação do corpo no espaço - e fazer uma pergunta. O participante que ouve a pergunta deve responder dançando. Em seguida, pode optar por fazer uma pergunta a alguém ou aguardar por responder uma nova pergunta.

A resposta dada pela pessoa que recebe a pergunta está comunicando algo, mas a que fez a pergunta pode entender algo diferente da intenção com que foi elaborada. Isso porque cada pessoa traz significados diferentes para gestos iguais. Alguém fazendo um gesto de esfregar roupa no tanque pode ser visto como alguém balançando o carrinho de um bebê ou trabalhando com uma máquina de tear. A memória depende das experiências vividas pela pessoa.

É algo que eu ainda não alcancei, que é preciso uma prática que é preciso fazer. Aqueles que passa [sic] um por cima do outro me causa incômodo momentâneo, porque às vezes alguém está rolando e aí toca nas suas partes íntimas sem querer... Mas depois passa (Retirado do acervo de depoimentos da pesquisa).

Os participantes ficam, inicialmente, deitados no chão, lado a lado, todos com a cabeça voltada para um lado específico e os pés para o outro. A ideia que se deseja formar é a de uma esteira-humana. É requerido um espaço mínimo entre as pessoas para a realização do exercício. Normalmente é necessário mais de uma tentativa para que aconteça para valer, pois no começo as pessoas não entendem o que realmente devem fazer. Após se posicionarem, o participante que estiver em uma das pontas iniciará a atividade deitando sobre a "esteira". Ao mesmo tempo em que a pessoa começa a rolar sobre os corpos que estão no chão, estes começam a rolar para o mesmo lado e com o mesmo ritmo, a fim de que a pessoa seja deslocada até a outra ponta da esteira. A pessoa deslocada pode optar por mudar sua posição continuamente, mas deve manter a postura

de alguém que mergulha: com as mãos para o sentido em que a esteira irá rolar, ficando com o corpo estendido o máximo que conseguir. Um de cada vez, até todos participantes passarem por cima da esteira de pessoas.

Enquanto um percebeu o desafio como algo que causa incômodo e que pode gerar lesões, outro definiu como algo que ele gosta, mas que não tem controle. O desafio está presente nas atividades de improviso que são realizadas, que receberam o seguinte comentário deste mesmo participante: “E o contato-improvisação não é uma coisa travada. É livre, espontânea, de criação de você mesmo”.

Como o nome sugere, nos jogos de contato-improvisação os participantes improvisam os movimentos, dando-lhes sentido nos contatos (toque, olhar, audição) com os outros participantes. Cada um deles pode iniciar uma dança individual onde e como preferir e, aos poucos, as oportunidades de contato surgem, cabendo a cada um perceber a dança de todos enquanto realiza a sua própria. Enxergar potência em um contato é algo que não acontece necessariamente pelos olhos. De repente, enquanto realiza seus movimentos, a pessoa sente que alguém encosta em sua perna e isso pode ser o disparador para algo ser improvisado entre os envolvidos. O mais difícil é aceitar que alguns encontros simplesmente não dão certo, não têm sintonia, sendo necessário partir para outra busca. Por mais que pareça ser a cena mais perfeita que existe para um dos participantes, se o outro não capta a ideia não adianta, pois se trata de um jogo de comunicação entre os participantes.

Deixar ideias morrerem também faz parte do processo. E é mais difícil para aqueles que só conseguem realizar algo se têm o controle da situação, pois o apego pela cena, em que ele sabe exatamente onde e como deve ir, não lhe permite observar outras possibilidades. E não há outra maneira senão praticar exercícios que mostram cada vez mais como é grande o leque de possibilidades de se relacionar com os demais. É como se esses encontros fossem ondas e o que cada participante necessita fazer é surfar de acordo com o ritmo, a leveza ou o peso de cada um dos jogadores e, dessa forma, construir algo juntos.

Um dos participantes trouxe a questão do surfe na entrevista, disse que havia dançado poucas vezes na vida, mas que as práticas que experimentou tinham semelhança com improvisos - como capoeira, jiu-jitsu e o surfe, ou seja, práticas em que o participante depende de si mesmo para lutar/jogar com o outro ou, no caso do surfe, com a onda. “A capacidade de ritmo também [o atraiu para participar do grupo]. Nunca tive esse estímulo de ritmo, essa coisa de entrar no ritmo dos outros” (Retirado do acervo de depoimentos dessa pesquisa).

Outra questão que parece causar um pouco de desconforto - e aqui isso não é considerado ruim, mas como uma crise necessária para se buscar novos caminhos - é a rotatividade do grupo, que quebra a comodidade de conhecer

aquele em quem se toca e para quem se olha.

Aquele grupinho que estava - um cara de olhos verdes e uma mulher negra, mais outras pessoas também - se tivesse continuado, teria sido ótimo, mas aí apareceu [sic] três pessoas novas e mudou tudo. Como você vai trabalhar olhar e confiança com as pessoas que você nunca viu? (Retirado do acervo de depoimentos da pesquisa).

Mesmo com as pessoas que já conhecemos, houve também um momento inicial de estranhamento, que foi ultrapassado. E foi assim com todos que começaram a fazer parte do nosso convívio. A formação acadêmica tem dificuldades em desconstruir estas barreiras. Na área da saúde, a formação acaba fortalecendo mais a atuação biomédica, termo utilizado por um dos participantes, em que a lacuna entre o profissional e o paciente/cliente é cada vez maior: “Ah... Não tem a experiência. Não tem o contato, a vivência cinestésica, que é a experiência pela vida e não pela morte, ficar vendo cadáver só (...)” (Retirado do acervo de depoimentos da pesquisa).

Há uma formação bastante voltada para a área biológica no campus UNIFESP, que tem sua importância, pois, para lidar com o corpo é necessário ter o entendimento bioquímico, anatômico, biomecânico, cognitivo, entre outros. Mas não somente este entendimento. Ao perguntar para o participante que comentou da liberdade nos improvisos, sobre o que ele poderia citar em sua formação como desafiador, além do Projeto Artes do Corpo, ele respondeu que são as matérias biológicas da grade curricular. Foi perguntado se seria o mesmo desafio e ele disse que não, que o da grade curricular trazia o medo de não ser aprovado, já “O desafiador da dança é uma conquista” (Retirado do acervo de depoimentos da pesquisa). Quando perguntado sobre qual a relação entre a dança e a saúde, a resposta foi: “É a vida. Eu sem a dança não tenho saúde. Sem a movimentação do meu corpo eu não tenho saúde”.

Aos poucos vamos percebendo as relações que existem entre o que se faz no projeto e os acontecimentos do nosso dia a dia. Em suas falas, muitos dizem que começaram a participar do grupo por entenderem como um lugar de fuga da universidade:

E tudo isso porque eu queria vida na universidade, não aguentava seis horas numa cadeira, vendo músculo, insulina, etc. Eu acho que é importante, mas falta a parte humana. Falta a gente ver como fazer vida nas pessoas. Não só saber aferir pressão etc. (Retirado do acervo de depoimentos dessa pesquisa).

Motivados inicialmente por esta busca, as atividades vão se tornando perceptíveis fora delas mesmas. É muito comum o desejo de academias de dança

de criar um vínculo de dependência com as pessoas/clientes, uma vez que as atividades proporcionadas são apresentadas como patrimônio daquele lugar em questão. Não faria sentido propor experimentações no projeto que não pudessem ser levadas para outros lugares, quando o objetivo é justamente encontrar formas diferentes de perceber e de se relacionar com as pessoas e o mundo. “Eu ando muito de bicicleta e eu comecei a perceber como eu ando torta por perceber mais meu corpo” (Retirado do acervo de depoimentos dessa pesquisa).

Um dos participantes disse que estava se sentindo mais sensível: “Eu estou ouvindo muito as pessoas e isso me deixa muito sensível. Esse ouvir é você ouvir sem responder nada de imediato” (Retirado do acervo de depoimentos dessa pesquisa). Esta fala nos lembra de um exercício que fazemos, chamado Máscara do Neutro, em que o intuito é justamente não dar nenhuma informação ao mundo, apenas estar presente. Neste experimento trabalha-se a ideia de que somente quando alcançamos essa máscara neutra é que conseguimos construir as feições de alegria, tristeza, dúvida, entre outras. Para realizar o exercício, todos os participantes ficam em posição de plateia, sentados e enfileirados um ao lado do outro. Estipula-se um local e um de cada vez, sentindo vontade, levanta-se e vai até este lugar, permanecendo de costas para o público enquanto se prepara. Quando estiver pronta, esta pessoa vira-se para o público. O objetivo é se manter neutro enquanto olha nos olhos (sem sair do lugar) de todas as pessoas. É comum pensarmos que somente o rosto dá pistas sobre os sentimentos, como tristeza e alegria, porém, o corpo todo sinaliza. Algumas pessoas abrem e fecham as mãos, outras mexem os dedos freneticamente, outras os ombros, tudo sem mover um único músculo facial. Isso traz informações que estão refletidas em outras partes do corpo. Entretanto, o exercício propõe que estar ali significa não dar nenhuma informação de imediato. Este é o desafio. Após olhar para todos, a pessoa vira-se novamente (como quem retira sua máscara ou seu personagem) e volta a se sentar, dando lugar para quem se manifestar a ir à frente. O feedback daqueles que assistem é importante, uma vez que o público é o espelho daquele que se coloca diante dele.

Em outro exercício, fica também evidente a relação da prática com o cotidiano. Esta presença foi observada quando um dos participantes, ao escolher a atividade que mais gostava de fazer, nos disse:

Ocupar espaço entre as pessoas. Quando faço [o exercício], vem uma sensação de que a vida é assim. A gente tá sempre preenchendo lacunas, algumas mais agradáveis e outras menos... Você tem que escutar o outro para entender que você estão fazendo coisas juntos. (Retirado do acervo de depoimentos dessa pesquisa).

Começamos o exercício em duplas. Cada pessoa deve ocupar os espaços ‘vazios’ no corpo do outro. Estes espaços podem ser entre o braço e o tronco, en-

tre uma perna e outra, ao lado da cabeça, pescoço. Podem circular os tornozelos com os braços, como se prendessem sem tocar, sendo que a pessoa que se encontra 'presa', deve sair da posição sem encostar na outra e, então, é a vez desta procurar um espaço que pode ser preenchido ou ocupado, sempre sem se encostarem. Após um tempo da realização do exercício em duplas, pode-se expandir para um maior número de pessoas, mas o contato dos corpos, neste caso, será inevitável. Embora o objetivo ainda seja buscar espaços, o contato com outras pessoas não diminui o rigor na execução do exercício.

Em outro exercício sobre ocupar os espaços entre duas pessoas, o participante citado acima, disse: "Fique entre duas pessoas é mais uma ocupação de espaços... Não de... Eu vejo mais como um corpo pronto para a batalha. E o outro (corpo) é mais como um vamos construir um mundo juntos" (Retirado do acervo de depoimentos dessa pesquisa).

Para realizá-lo, todos os participantes devem andar pelo espaço de maneira aleatória, mas sempre mantendo o espaço da sala equilibrado, com as pessoas bem distribuídas. Então, é solicitado que cada participante escolha secretamente dois outros. A próxima indicação diz que cada participante deve ficar sempre entre as duas pessoas que ele escolheu, como se existisse uma linha entre eles e a pessoa que os escolhe precisasse ficar exatamente sobre e no meio dela. Sempre que tentam ficar entre os dois escolhidos, a distância entre todos diminui rapidamente e a possibilidade do contato aumenta na mesma velocidade, assim, cada um tem que literalmente colocar o seu corpo entre os corpos das duas outras pessoas, ao mesmo tempo em que todos também estão tentando alcançar este objetivo.

Como resultados e discussões, entendemos que presença em saúde é importante de ser vivenciada de maneira encarnada, com pele, toque, dança e movimento. Citamos apenas alguns exercícios que escolhemos a partir do acervo de depoimentos da pesquisa, que pudesse criar pistas sobre essa presença indisciplinar desejada pelo projeto. O objetivo de promover um espaço de vivência e educação do movimento por meio da experimentação da música, das técnicas circenses, dos jogos e da dança acontece, de maneira não formal, não esperada, não conhecida no ambiente da formação em saúde na universidade. Através das redes de afetos e dos múltiplos atravessamentos, experimenta-se a expressividade, a percepção corporal e a criatividade. O projeto alia prática corporal e desenvolvimento cultural e sensível, garantindo um espaço aberto, livre e interdisciplinar, que tem efeito sobre os direitos à diversão, lazer e sensibilidade. Nele, proporciona-se a experiência corporal pelos meios artísticos e culturais como dispositivo de consciência e de intervenção em si estendida à coletividade, igualmente operando na atuação em Saúde de forma ampla e diversa.

Portanto, pode-se pensar em espaços com possibilidades de extensão e pesquisa que têm fundamento educativo e artístico à medida que estejam envolvendo criação e produção de vivências pessoais e trocas coletivas por meio da experiência artístico-corporal. A presença em Saúde é discutida e vivenciada de maneira encarnada, com pele, toque, dança e movimento. Propomos uma formação corporal compartilhada, sensível e criativa, que cultiva a visão interdisciplinar como forma de ampliação do conceito de saúde para uma atuação inventiva dentro das áreas acadêmicas de formação nesta área.

Figura 1: fotografia do acervo da pesquisa



Fonte: Acervo dos autores

REFERÊNCIAS

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

DEJOURS, C. Por um novo conceito de saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 14, n. 54, p. 7-11, 1986.

GINOT, I.; MICHEL, M. **La danse au XXe siècle**. Paris: Larousses/Veuf, 2002.

GREINER, C. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Anna Blume, 2005.

KATZ, H. **Um, dois, três, a dança é o pensamento do corpo**. Belo Horizonte: FID, 2011.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LECOQ, J. **O corpo poético**: uma pedagogia da criação teatral. São Paulo: SESC/SENAC, 2010.

LUZ, M. T. Complexidade do campo da saúde coletiva: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, e transdisciplinaridade de saberes e prática-análise sócio-histórica de uma trajetória paradigmática. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 304-311, 2009.

MONTAGU, A. **Tocar**: o significado humano da pele. São Paulo: Summus, 1988.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

ROPA, E. C. **A dança e o agit-prop**: os teatros não teatrais na cultura alemã do início do século XX. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SANT'ANNA, D. B. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. **Fractal Revista de Psicologia**, Niterói v. 25, n. 2, p. 299-322, 2013.

VIANNA, K. **A dança**. São Paulo: Summus, 2005.

Disponível em: <<http://www.who.int/about/en/>> . Acesso em: 14 de maio de 2015.

Data de recebimento: 27 de junho de 2017.

Data de aceite para publicação: 24 de agosto de 2017.